

**Eu, a Meu Ver, Mediante a
Minha Perspectiva, e Perante o
Meu Julgamento: Uma
Exploração Teórica e Prática
Individualista de Aspectos
Racionais e Irracionais
Mediante o Estado Mental
Definido no Primeiro Capítulo
Desta Obra, Abordando a
Disfuncionalidade
Preponderada e o
Indeterminado Enquanto
Forma de Criação — Não
Obstante a Outras Razões
Interessantes Para o Meu
Desgosto Face à Generalidade
da Época Balnear.**

“Esta obra foi-lhe trazida pelo ilustre Ricardo De Sousa, com o apoio da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.”

Fundadores
Ricardo De Sousa

Editor
Ricardo De Sousa

Director de Arte
Ricardo De Sousa

Grafismo
Ricardo De Sousa

Tradução
Ricardo De Sousa

Assistência
Luísa Ribas
Sofia Gonçalves
Ricardo De Sousa

Contribuidores
Ricardo De Sousa

Pictografia
Ricardo De Sousa

Edição
Ricardo De Sousa

Editora
Ricardo De Sousa

Textos
Ricardo De Sousa
& Outros (...)

Imagens
Ricardo De Sousa
& Outros (...)

Conceito
Ricardo De Sousa

Falhas Conceptuais
Ricardo De Sousa

Correcções Conceptuais
Ricardo De Sousa

Inspiração
Ricardo De Sousa
& Outros (...)

Agradecimentos
Ricardo De Sousa e a todas as suas formas corpóreas ou espirituais, incluindo as suas projecções inter ou extra-dimensionais, caso venha a ser mais tarde cientificamente provado. Às professoras pelo acompanhamento, e à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Esta publicação de autor é um guia para métodos processuais e ideológicos, para posterior materialização e pesquisa.

As opiniões aqui contidas não afirma expressar os interesses da academia nem os dos seus constituintes.

Trata-se apenas um ponto de vista pessoal, de uma abordagem individual, e não uma ideologia universal. As opiniões, comentários, textos e imagens aqui expressos não pretendem ofender nenhum indivíduo, grupo, ou instituição. Mas se for esse o caso, o autor ficará extremamente contente.

A reprodução desta obra é estritamente proibida, e está sujeita a uma coima de um sintetizador analógico, um macbook pro topo de gama, e um pacote de chá verde.

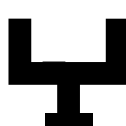
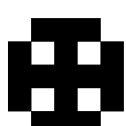
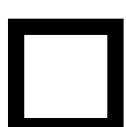
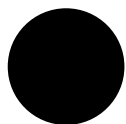
O preço desta edição é infinito, mas para ser razoável, o autor disponibiliza-a livremente a estudantes, profissionais, e interessados, sem nenhum custo acrescido.

Todos os direitos reservados, Ricardo De Sousa © MMXV

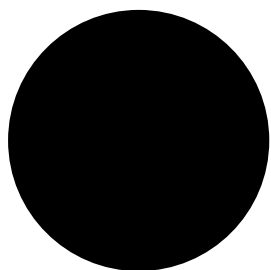
Para contactar o autor, envie um email para: cansadissimo at gmail.com

Esta é aquela secção em que o autor não tem rigorosamente mais nada para dizer, mas como este sabe que ninguém no seu perfeito estado de saúde irá ler isto, acrescenta aqui mais um pouco de texto de forma a que esta página tenha um aspecto um pouco mais profissional.

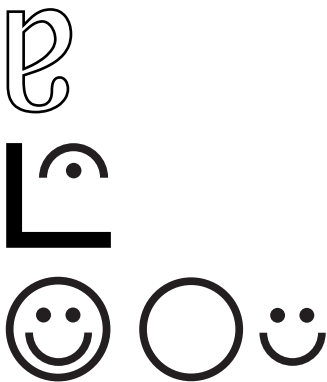
Index







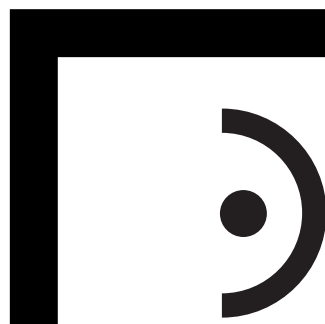
É aqui pretendida a exploração da prática do design mediante a alçada do self-design, termo definido por Manuel Buerger no seu ensaio “Slippery Design”— “ao projectarmos o eu e o seu ambiente de uma determinada maneira, o eu declara a sua fé face a determinados valores, atitudes, programas e ideologias.” É aqui encorajada uma exploração pessoal que obedece ao desejo intrínseco de quem o pratica — com objectivos de expressão comunicativa exteriores, criando e declarando relações face a metodologias processuais ou ideológicas. Num acto puramente reflexivo e radicalmente desprovido de autoridade, culmina na criação de novos campos de significação pela crítica, pela quebra da funcionalidade, e pelo erro, construindo linhas através de oposições, desafiando o balaço e a ordem de forma a dar primazia a design pessoal e controverso.



“By designing one’s self and one’s environment in a certain way, one declares one’s faith in certain values, attitudes, programs and ideologies.” — M.B.

Termo originalmente definido por Manuel Buerger no seu ensaio Slippery Design, e aqui utilizado enquanto ideologia agregadora primária. O self-design pode conter ramificações infinitas, altamente dependentes dos interesses do self, consistindo primariamente numa exploração individualista que obedece aos desejos intrínsecos de quem o põe prática — com objectivos de expressão comunicativa exteriores, criando e declarando relações face a metodologias processuais ou ideológicas. Num acto puramente reflexivo e radicalmente desprovido de autoridade, culmina na criação de novos campos de significação. Parafraseando Manuel Burger, “it defies balance and order, leads into the void and shows us worlds. It creates fields of meaning, mimeses in relationships, building lines to oppositions, mastering the game of semiotic scraps; it speaks in syllables not sentences. It relies on dissemination through irritation, mutation, failure, and causes discourses to falter.

It is not a style, but a state of mind, a practice, a way of dealing with cultural values and references, a form of writing and reading, a creator and at the same time destroyer of myths. It lives in and through differences – always with the goal of pushing towards controversial design.”



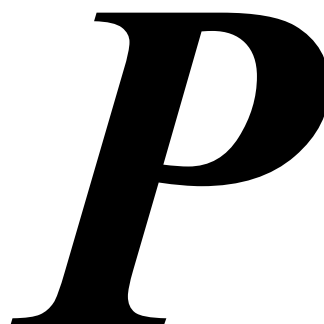
O design não está apenas ao serviço dos ideais estabelecidos pelo exterior, mas também aos de quem o pratica, promovendo-se como plataforma de discussão de conceitos teóricos e mobilização ideológica. Deverá ser inerente à função de um designer uma linha de pensamento reflexivo e um sistemático questionamento interno, de forma a construir as particularidades de uma identidade fundadora da sua prática. Este tipo de posição requer uma abordagem de contextualização e recontextualização constante, comparando e contrastando com outras práticas e disciplinas, de forma a manter uma relação de claridade com a sua própria posição.

Princípios retirados do “Critical of What?”, Ramia Mazé (2008)



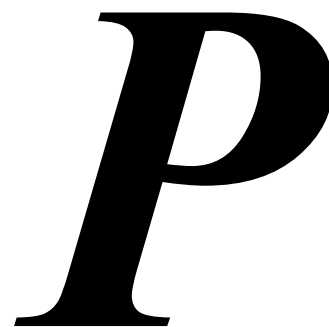
Sealand Identity Project, Metahaven (2003/2004)

A Sealand define-se enquanto micronação. Antigo forte da segunda guerra mundial, foi apropriado por Paddy Bates, que a apresentou enquanto nação, proclamando a sua independência num acto de revolução anárquico. Independentemente de não ser reconhecida pelo governo, uma micronação é persistente na reivindicação de soberania sobre um território físico. Foram até criados títulos, passaportes, moedas, selos, e um hino oficial. A Sealand é particularmente conhecida por servir de símbolo anárquico da internet, desde as suas origens pós-guerra enquanto transmissora de rádio pirata, e mais tarde enquanto fornecedora de alojamento de servidores. Os Metahaven, equipa de designers de comunicação, propuseram-se a reformular a identidade da Sealand de forma mais desafiante. Tradicionalmente os governos estão dependentes da sua morada física, enquanto que a Sealand não detém uma relação linear de espaço/lugar. Esta natureza permite abraçar a complexidade de uma sociedade de rede — com um objetivo final que transcende as comunicações internas, já que procura uma relação com o campo da identidade corporativa.



Micronations, Leo Delafontaine (2013)

Projecto fotográfico documental de Leo Delafontaine, onde é feito um showcase bastante compreensivo de algumas micronações um pouco por todo o mundo.



How to Achieve Critical Practice in Design, Anja Props & Beatriz Bernardo (2014)

Projecto inspirado no texto de Ramia Mazé, onde é encorajado um questionamento sistemático ao serem colocadas ao utilizador um conjunto sistemático de perguntas, de forma a nutrir o raciocínio e a discussão constantes.



It's the tiresome topic about which every designer loves to babble: "form follows function." For decades, the equation has kept design in a one-dimensional discourse – an often hypocritical one at that. Though the principle of functionality continues to dominate, the global culture industry has been developing in the opposite direction for decades: consumption, expenditure, disposal. The dogma's growing a long nose, and design cannot deny its complicity. As a result, its social impact and responsibility have been increasingly discussed. But well-known design manifestos like "First Things First 1964/2000," which seeks to give the profession back its conscience, read as though written in a forgotten time.

Design eludes both known discourses by playing design's use value off its sign value. It decisively tears apart the FFF myth and draws its value from identity-establishing qualities that encourage the author/recipient in his intellectual process and refuse to take him under their wing.

Dysfunction! He who still faces it with confusion would do well to read Adolf Loos, who exalts function via absolute negation of ornament as superfluous element: "Soon the streets of the city will glow like white walls. Like Zion, the Holy City, the capital of heaven. It is then that fulfillment will have come." Loos, an architect and intellectual father of functionalism, wrote these words in 1908. One hundred years of human history later, his essays read

like a collection of totalitarian phrases. Nonetheless, his polemic against ornament has found many devotees.

Among them, the Bauhaus. There, though, they also sought to include the social responsibilities of design. "The romantic island," a rejection of all environment, was not the goal; according to Walter Gropius, design is much more "an integral part of the stuff of life, necessary for everyone in a civilized society." This approach also determined the demands directed towards design. In the words of László Moholy-Nagy, "quality of design is dependent not alone on function, science, and technological processes, but also upon social consciousness."

Nonetheless, the ranks of functionalism hardliners continue to swell. Dieter "a return to simplicity is our only hope" Rams and company speak of a "reduction of accidents." Peter Sloterdijk sees the designer as "perpetrator of the verb 'to function,' apostle of the belief, sent all over the world, in the primacy of function over structure and essence." Maximum functionality in conjunction with aesthetics remains the decisive quality criterion and guiding ideal of design. The insistence on a functionality-oriented design maxim, which necessarily leaves open few options, leads inevitably to conservatism, to a regurgitation of paradigms in fear of alternatives, emancipation and evolution.

"The limits of functionalism to date have been the

limits of the bourgeoisie in its practical sense." (Theodor W. Adorno, *Funktionalismus heute*, 1965)

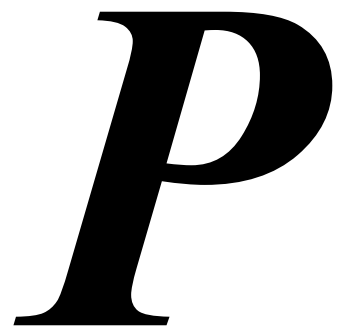
Based on a critique of a symbolic loss, of a symbolic crisis after World War II, Theodor Adorno laments the constraints that functionalism produces. He thereby criticizes Loos' conception of a modernity that renounces all ideologies, which he views as simply obscuring a lack of readiness to deal with contradictions. Ornamentation in its symbolic value is legitimized. Adorno advises: "The future of sachlichkeit can be liberating only if it sheds its barbaric traits, displaces the sadistic blows of sharp edges, bare calculated rooms, stair-ways and the like."

Liberation from functional thinking is achieved by playing contradictions off against one another. Slippery Design thus privileges references in order to nurture their power in fields of meaning – and then to openly discuss irrationalities. It speaks in differences, urges dialogues and resists the monologue of a ruling doctrine. Visions are generated out of interpretations. Functionalism here = absorption in the game of references. The use value is generated by playing off against the sign value, which, in turn, through its own intellectual value, is essential for our one...

"Beauty today can have no other measure than the depth to which a work resolves contradictions. A work must cut through the

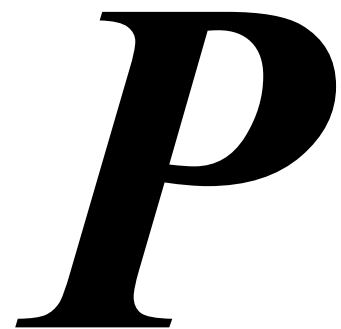
contradictions and overcome them, not by covering them up, but by pursuing them." (Theodor W. Adorno, *Funktionalismus heute*, 1965)

How can design material be deliberately provoked? Two possible approaches: (a) failure, which prompts thinking in oppositions, and (b) risk-taking, the prerequisite for daring a controversial design, which, in all its fragility, contains within it friction and discussion."



The Useless Web (www.theuselessweb.com)

Repositório de páginas de internet exclusivamente inúteis. O site é composto apenas por um botão que contém a informação "take me to a useless website, please." O utilizador é levado para uma página aleatória, e é convidado a explorá-la.

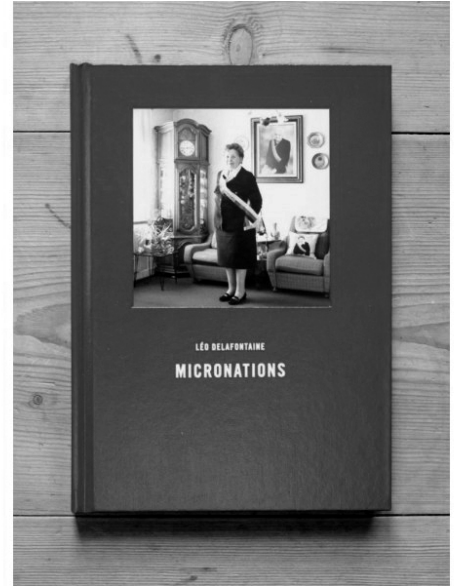


Minutes to Go, Various Authors (1960)

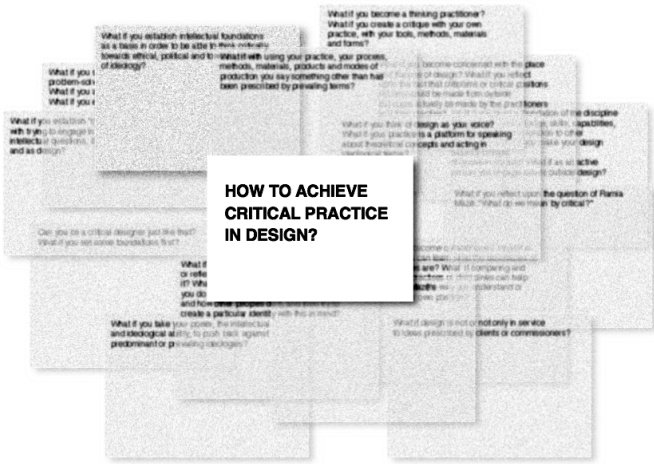
Apesar de não cair na definição de design, esta coletânea de poesia



(01)



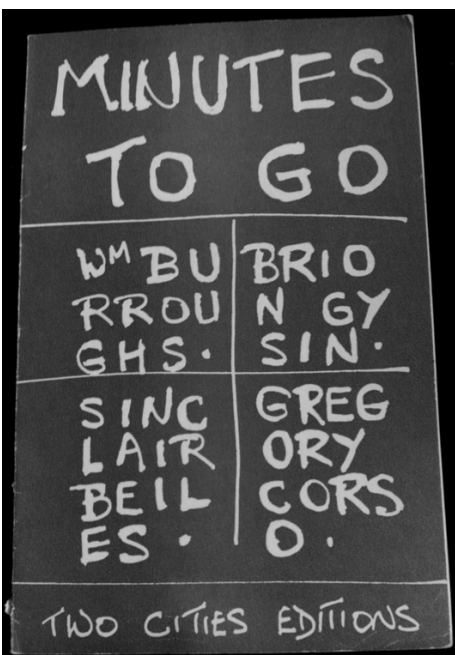
(02)



(03)

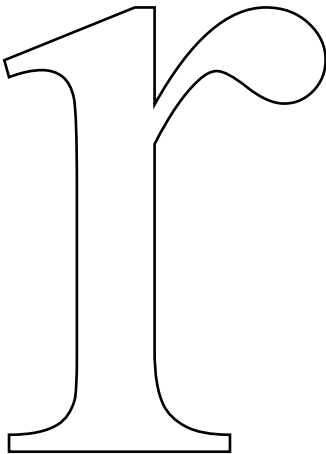


(04)



(05)

disfuncional, criada com o cut-up method, popularizado pelo escritor William S. Burroughs, cria novas percepções face à linguagem, e consequentes relações são criadas através de oposições e recontextualizações — apesar de não necessariamente lógicas. Desde então este processo tem sido utilizado numa larga variedade de contextos.



“Surely one paradox of our society is the commandment to always function and always improve. These do not go together. As we learned long ago, evolution relies on failure and draws from a cosmos of dysfunction. We are organic errors and, at the same time, designed for perfection, barely able to think outside the category of ongoing movement – for he who doesn’t sprint is not part of society, and he who functions walks in a strictly straight line that eventually promises success and wealth. Thus heterogeneity remains largely an empty buzzword; an equation can have only one outcome. Consequence = consensus.

“If one's priority is to resist failure at all cost, the potential of surprise is never played out.” (Markus Miessen, The Nightmare of

Participation, 2012)

Design counteracts this one-dimensional optimization dictate: it seeks confrontation with failure and the generation of building lines to oppositions. Failure always contains the potential to reveal possibilities that were previously not considered. Failing means learning: breaking new ground, turning new paths or even adopting a new form. Failure determines position and reveals process. Knowledge is retrospectively generated via reflection on missed opportunities, which, in turn, draws attention to additional potentialities. Failure is the highest functionality of a discursive, exhausting design.

To further illustrate the benefits of failure for design, it helps to call upon the conditions of the laboratory. Here, “situations of ignorance” are artificially created in order to stimulate the production of knowledge: “Chance, the coming upon and also the undirected searching, the trial & error, is much more than just an accident in the basic rules of research; it always crops up when the new is at stake, when it’s a question of research in the true sense of the word,” writes Wolfgang Schäffner in Vom Wissen zum Entwurf, Das Projekt der Forschung.

The laboratory and the experimental methods pursued therein are the proper place for Slippery Design. Here, forms can be developed that meet the requirements of a pluralistic thinking in entangled

ambiguities. A sense of (re)orientation is constantly put to the test during development; the ability to continually conceive and nurture new possibilities is encouraged and manifests itself in drafts/sketches and, eventually, designs/communication products.

There is thus no fixed, finalized form in Design; the “final” design remains to be determined by the derivation process. The recipient, in other words, is presented with perpetual failure, with endless possibilities for interpretation and further development. The design and communications process is thus stretched beyond the fixed form of an object. Participatory design in the true sense; everyone can contribute to the discussion.

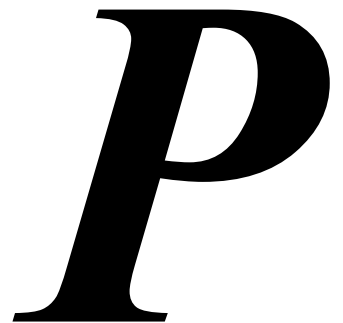
Receiving a Design object is thus complicated. It’s rarely possible to understand at first glance. The failure of understanding is literally preprogrammed; the form, after all, is somehow unknown, unfinished, fragile... This encourages an open interpretation – but is not, of course, in the spirit of a design that seeks to synchronize sender and receiver.

“To suddenly engage. To suddenly say to oneself: I’ll participate. I can’t do it, to be sure. I’m a tourist. But I’ll join in.” (Christoph Schlingensief, “Erlösungs-segen,” HAU 1, 2003)

Slippery! The recipient slips and falls into the void; but if the framework is tightly built, it will catch him at a different point. The mastering of searching

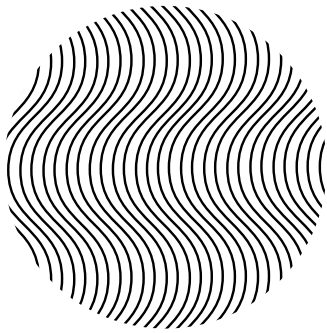
and finding, the being disappointed and allowing oneself to be surprised, is rewarded with wild, interwoven ideas that stretch throughout the space. One has only to follow them. Deadlocked form and thought patterns can be broken open with a multifaceted, challenging reception; premature consensus should hardly be possible with Slippery Design, which demands oppositional thinking. The decryption process engrosses our cognition via the constant confrontation with failure. Laborious but fruitful. The outcome remains open.

Though the information may not be new to a majority of the readership, it is worth mentioning that one contemporary pop cultural concept in which slippery moments can be discovered/in which failures of comprehension are common practice can be found on the Internet platform DIS Magazine, which has made its prefix into a style: “DIS is a multi-culti platform for creative solutions. Promoting unsafe style is a lifestyle.”



Projecto: Websites From Hell

O maior repositório online de sites maus disponível na internet — design por acidente, definitivamente!



P

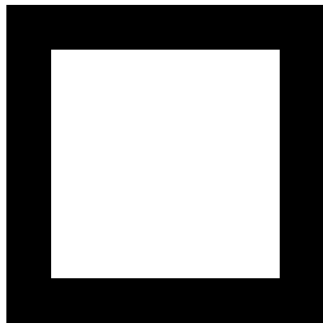
O livr-o-mem – Paulo d’ Cantos n’ Palma d’ Mão, Barbara Says

Texto de Raquel Martins e Joana Bougar, in Público

Não é fácil sintetizar quem foi Paulo de Cantos (1892-1979). Professor, editor, gráfico, filantropo, filólogo. Foi tudo isto, mas talvez a melhor forma de o descrever seja a expressão “o livr-o-mem” (o livro-ho-mem), expressão usada no título da edição que hoje é lançada em Lisboa. O interesse em torno de Paulo de Cantos surge precisamente por causa dos livros, manuais didácticos, opúsculos, que editou freneticamente desde os anos 20 do século passado até morrer. São livros sobre os mais diversos temas - linguística, geografia, anatomia, literatura, matemática, folclore – e cuja particularidade é a forma como aproveitou a composição tipográfica para criar esquemas, desenhos estilizados, mapas antropomórficos. O resultado é um trabalho de vanguarda, praticamente desconhecido, muito visual, com uma preocupação pedagógica. Não é raro encontrar livros que podem ser lidos nos dois sentidos como Os reis do RISO...As leis do SISO(sem data) ou Sal-Azar/Sol!Az!!Ar!! (1961?). Ou ainda o Adágios (1946?), que compila um conjunto de adágios

traduzidos em 10 línguas. De Cantos criou ainda uma língua própria. Depois de uma viagem ao Brasil, por volta de 1965, o autor organizou em sua casa um Congresso Luso-Brasileiro dedicado à língua portuguesa. Daí surgiu a ideia de unificar a grafia das duas línguas, a que chamou PAK. Os livros de Paulo de Cantos chegaram às mãos de António Silveira Gomes, um dos sócios do atelier Barbara Says, há mais de uma dezena de anos quando estudava design gráfico na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Cruzou-se com eles no Geronte, um bar/alfarrabista no Bairro Alto, “entre copos e o cheiro a mofo próprio dos alfarrabistas”. A pouco e pouco, a curiosidade sobre quem seria aquele curioso autor foi crescendo até que António e Cláudia Castelo, editora e sócia do Bárbara Says, decidiram que tinha chegado a altura de fazer alguma coisa para revelar tão singular figura. O resultado destas descobertas é O livr-o-mem – Paulo d’ Cantos n’ Palma d’ Mão. O objectivo foi sistematizar o conhecimento compilado a propósito do autor. Com um formato semelhante ao do Dicionário Técnico, editado em 1942, na impressão do livro foram usadas várias técnicas: offset para o miolo e tipografia para as zincografuras cedidas pela família. De Cantos parece ter sido um homem à frente do seu tempo. “Muitos dos livros de Paulo de Cantos encontrados nos alfarrabistas nem sequer tinham sido abertos”, nota António Silveira Gomes. “Há uma distância muito grande entre a obra que ele

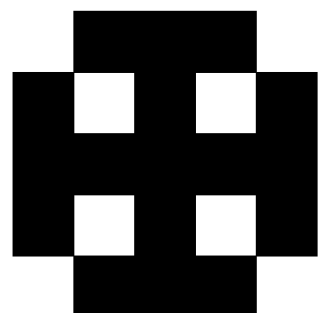
produziu e o público que a recebeu Ele foi incompreendido na altura mas a obra dele tem coisas para dizer”, completa Cláudia Castelo. Paulo de Cantos nasceu em Lisboa, estudou em Coimbra, onde foi contemporâneo de Salazar. Foi professor no Liceu Pedro Nunes, reitor do Liceu Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim, fez cursos de química, belas-artes e até vitivinicultura. Regressou a Lisboa onde fundou o Centro de Profilaxia da Velhice na sua casa, e criou a Bibliarte, um alfarrabista por onde passaram Fernando Pessoa, Cesariny, entre outros. Mas ao contrário dos seus contemporâneos, De Cantos permaneceu praticamente desconhecido, o que cria um certo mistério à sua volta. Como se relacionou Paulo de Cantos com a ditadura? Até que ponto influenciou os artistas que com ele conviveram? Cláudia Castelo espera que as respostas comecem a chegar depois desta primeira obra. Mas De Cantos vai além dos livros. O seu lado de inventor tem expressão no modelo do corpo humano construído pelo autor em tamanho real, que se abre como um móvel e tem lá dentro ossos humanos a simular um esqueleto, ou a bizarra bengala de sobrevivência, com vários compartimentos para guardar pequenas quantidades de mantimentos.



P

A Wikipedia Reader, David Horvitz (2009)

Este projecto consiste numa publicação de autor desenvolvida por David Horvitz, e explora não só o percurso, mas também o mapa mental de artistas que navegam pela Wikipédia, demonstrando os seus padrões de pesquisa e compilando toda essa informação num ebook.



F

P

Color Organ, Alexander Rimington (1895)

O Color Organ de Alexander Wallace Rimington foi um instrumento construído com apenas um propósito: criar uma relação entre som e luz. O imponente instrumento tinha cerca de três metros de altura, assemelhando-se a um órgão de igreja. Continha também múltiplos teclados, e apresentava cerca de 60 pequenas janelas coloridas. Estas iluminavam-se em função do som que era tocado, apesar da parte sonora e visual do sistema funcionar independente uma da outra. Rimington era um explorador das potencialidades da electricidade, sendo uma espécie de embaixador para os efeitos visuais da época. Em termos estéticos, não contando com a beleza do próprio instrumento, o resultado proporcionado pelo Color Organ era relativamente simples. O aspecto que me interessa particularmente em Rimington é o da aleatoriedade. Contrariando as tentativas anteriores de

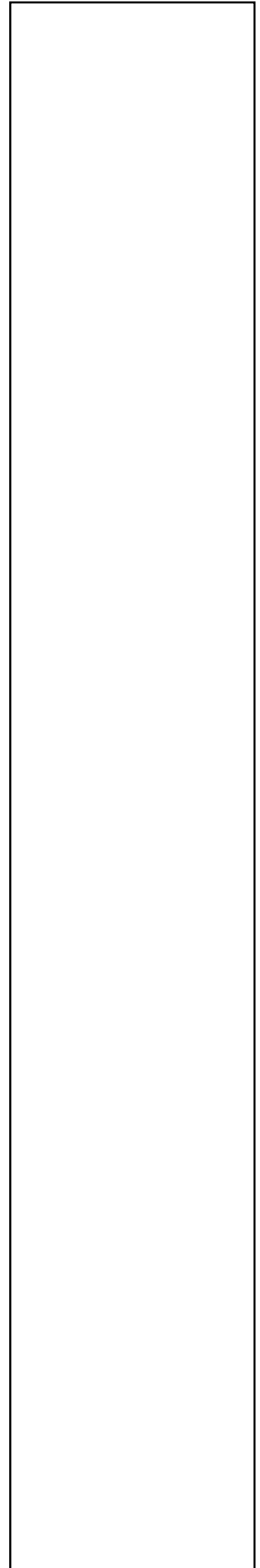
criar tal instrumento, o Color Organ não continha nenhuma ligação directa entre nota e cor; por outras palavras, é o músico que decide as relações entre o áudio e a visão. Dois teclados independentes eram utilizados para emitir som ou luz, respectivamente, apesar de ser possível mapear o esquema de cores a notas específicas. É interessante observar a noção da procura de um sistema de “tradução espiritual” coexistente.

P

Tempestarii, Gast Bouschet & Nadine Hilbert + Stephen O’Malley (2014)

O projecto é uma instalação que consiste num conjunto de vídeos que são apresentados em loop constante, sendo que cada um deles é uma cópia do anterior — resultando num desgaste ou desfragmentação visual que acaba num vazio/negro total. Em relação à parte sonora, esta foi realizada por Stephen O’Malley (guitarra eléctrica). Não é uma tentativa de tradução directa, mas sim uma “tradução espiritual”, muito à semelhança do “Color Organ” de Alexander Rimington — que apesar de conter um sistema de tradução, o resultado era mais interessante quando este não existia. O Stephen O’Malley não lida com harmonia nem melodia, mas sim com

textura, ressonância, frequência, e tempo [drone].





(06)

- | | | | | | |
|---|-----------------------|---------------------------------|-----------------------------|----------------------------|-------------------------------------|
| 1985 | Cocktail Party Effect | Hannah Arendt | Materialism | States | Tandem |
| Acadian Driftwood | The Culture Report | Harper's Bazaar | Meditation | Qualem | Tandem Bicycle |
| Adaptation | Commodore 64 | Health Care | Menachem Begin | Qualla | Taus Baccata |
| Adrenal Medulla | Constructed Language | Henry Wadsworth Longfellow | Michel Foucault | Quark | Television |
| Altruism | Copy Protection | Horizontal Gene Transfer | Mixed Reality | Royal Eye Movement | Tetragrammaton |
| Al-Huyayn | Cyberpunk | Human Animal | Monism | Rasch v. Bush | Thomas Nagel |
| Alkove Husley | Dater-mating | Human Sarcophagus | Mythology | Record Label | Titanium |
| Alzheimer's disease | Dealer | Immunization | Mythroom Cloud | Reproduction | Transhumanism |
| Analog Hole | Dispersal | Pharmacology | Nai v. Ali | Rhizome | Turkish Bath |
| Andreas Husley | Dream | Harbor vs. Farmer Theory | Names of God | Roland Rat | Underground Economy |
| Anisim | Dualism | Hyperfocus | Neuroscience | Roman Numerals | Uroion |
| Aosmagus | Ego Death | I'm Sorry, I'll Read That Again | Neurology | Russian Roulette | Vaccination |
| Asphob | Endure and Exultate | I'm Sorry, I Haven't a Clue | Nonce Word | San Francisco | Vegetarianism |
| Attention-Deficit Hyperactivity Disorder | Evangelism | Illegal Drug Trade | Novice Word | Sanskrit | Videotape |
| Augmented Reality | Extraterrestriality | Infinite Set | Novelty | Santiago Ramon Y Cajal | Via Bodas |
| Augmented Virtuality | Eye Movement | Infantry | Nuclear Weapons | Sarah McLachlan | Virtual Reality |
| Autobiography of Malcolm X | Faces of Death | Interspecies | Objects of the Mind | Sette | Voluntary Human Extinction Movement |
| Ason | Ferjo | Communication | Combinatorial Treadmill | Set | Western Europe |
| Ayurvedic | Ferdinand Tönnies | Islamic calligraphy | Critical Illusion | Shamanism | Waning |
| BBC | Ferdinand Tönnies | Jabberwocky | Orgnum | Shells E | William James |
| Babies | Ferdinand Tönnies | James Joyce | Origin of language | Silent Letter | |
| Banalities of Evil | Ferdinand Tönnies | Japan | Our Band Could Be Your Life | Simulated Reality | |
| Band College | Ferdinand Tönnies | June and Jennifer Gibbons | Pain | Sing-along | |
| Bellevue Hospital Center | Ferdinand Tönnies | Karl Weiker | Pancreas | Sleep Deprivation | |
| The Birth of Tragedy from the Spirit of Music | Ferdinand Tönnies | Kibara | Papale | Snowedout | |
| Black and White Dualism | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Songs of Mass Destruction | |
| Bob Dylan | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Soul | |
| Bottom of the Pyramid | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Stanford Prison Experiment | |
| Boulder | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Still Life | |
| Boy Soprano | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Stress | |
| Brewer's Dictionary of Phrase and Fable | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Stokely Carmichael | |
| Broadmoor Hospital | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Stratification | |
| Brothels | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Subitizing and Counting | |
| Central Intelligence Agency | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Summit | |
| Charles Sanders Peirce | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Superior Colliculus | |
| Choir | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Systemic Bias | |
| Cobble | Ferdinand Tönnies | Kibara | Peppermint | Taking Animal Tally Stocks | |

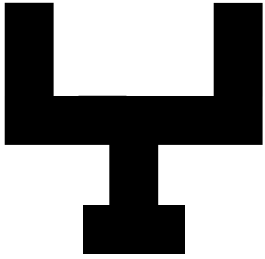


(08)



(09)

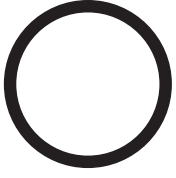
(10)



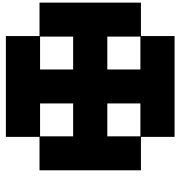
Para exploração futura foram escolhidos dois campos de prática projectual: numa primeira instância publicações de autor (self-publishing) com uma forte ênfase no formato digital, podendo até mesmo tomar a formalização de páginas web. Numa segunda instância, relações espirituais entre som e imagem. No primeiro prende-se a vontade de explorar interpretações pessoais de informação obtida/recolhida/compilada, e a sua consequente exploração a nível ideológico, conceptual e visual. No segundo prende-se a interpretação que é criada pelo indivíduo face ao indeterminado, que emana de uma certa irrelação entre a informação apresentada ou criada (som/imagem), e como esta é traduzida para o espectro humano, criando novas relações e significações, numa perspectiva muito própria ao indivíduo. Em suma, está a ser feita uma exploração de aspectos comportamentais: racionais (e irracionais), espirituais, críticos, etc... guiados por um forte espírito de revolução, que advém da procura do indeterminado e do questionamento sistemático, com o objectivo utópico da criação de uma post-post-post-post-post-(digital) art que apela aos sentidos, e que serve de documento para a posterioridade, funcionando enquanto playground exploratório, evolutivo, criativo, e de explicitação ideológica.



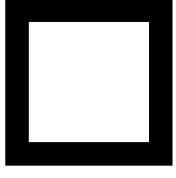
self design



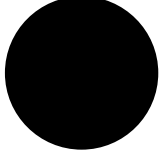
chapter 3



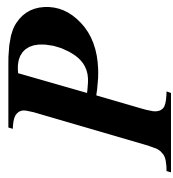
practice



introduction



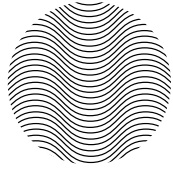
functionality = conservatism



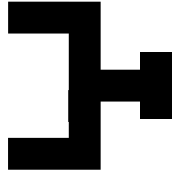
project



chapter 1



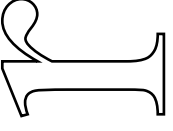
chapter 2



conclusion



ideology



(design by)
failure



spiritual translation
in image-sound
relationships



im useless
just here for the show



criticism of the
art of infinite
questioning



self publishing
(editorial andweb)



